

Ruy na palavra do Prefeito Mendes de Moraes

Discurso do Prefeito Ângelo Mendes de Moraes por ocasião do cortejo que acompanhou os despojos de Ruy Barbosa, até a Praça Mauá

A CIDADE do Rio de Janeiro, mais uma vez, ornamenta-se para prestar uma homenagem a Ruy Barbosa. Agora, porém, neste século de glórias de Ruy, pela segunda vez, engalana-se, em ato de profundo pesar e de dor — a primeira, quando em 1923, recebeu desolada a notícia da irreparável perda que o Brasil viera de sofrer, ao tombar a “Águia de Haia”; a segunda, hoje, depois de guardá-lo durante vinte e seis anos, em terra carioca, o vê apartar-se rumo à Bahia, sua terra natal, berço, também, do Brasil.

E', portanto, imbuída de sentimento semelhante ao de 1923 que a população do Distrito Federal assiste, compungida, a partida do corpo de Ruy para a sua nova e definitiva morada. E' justo que se reparta, também, com a Bahia, a suprema honraria de guardar em seu seio os restos mortais daquele que constituiu e hoje ainda o é, na imortalidade, o símbolo nacional da cultura, da Oratória, do Direito e da Justiça, porquanto, neste terreno, brasileiro algum o superou e nem ilustrou tanto com os seus trabalhos as bibliotecas dos eruditos, dos juristas e dos parlamentares como Ruy Barbosa — essa figura impressionante pelo extraordinário vigor de seu talento, pelo assombroso saber, pela magia sobrenatural de seu espírito, pelo inquebrantável patriotismo e pela intrepidez e audácia com que se batia pelas liberdades individuais e pela democracia. Parece-me, ainda, como velho carioca que sou, vê-lo de sobrecasaca, caminho do “Jornal do Comércio”, em cuja sacada iria falar ao público, pequenino, franzino, equilibrando no corpo frágil aquela cabeça, que a todos nós parecia materialmente muito maior do que realmente o era, tal a imaginação de sua grandeza...

Julgaram assim os cariocas que a Capital da República, cérebro da Pátria, pudesse guardar para sempre, em sua terra, tão grande preciosidade nacional — o cérebro mais privilegiado de todas as gerações que o Brasil produziu; e, se não fôsse o sacrilégio, traduzindo, talvez, o desejo de todos os cariocas, eu diria, neste momento: levem o corpo de Ruy mas deixem aqui, não o seu coração, mas sim, êsse cérebro único a fim de ser colocado em escrínio precioso, como um sol, como a luz da ciência e do saber, sob a cúpula do Senado Federal, em cuja tribuna, desde a Constituinte Republicana de 1891, deu êle as maiores e as mais belas lições de direito e onde produziu os seus mais admiráveis discursos.

A cidade do Rio de Janeiro, teria, assim, o direito de reivindicar a posse de Ruy Barbosa porque aqui viveu êle as fases mais gloriosas e mais prolongadas de sua vida; estreou, em 1873, na tribuna do fóro carioca, como advogado; iniciou, em 1876, em memorável conferência, a campanha abolicionista, tornando-se, ao lado de Nabuco e de Patrocínio, uma de suas principais figuras, afirmando êste que Deus acendera um vulcão na cabeça de Ruy; foi, também, aqui, que recusara, por convicções políticas e ideais republicanos, fazer parte, com 30 anos, do Ministério de Ouro Preto, permanecendo nas colunas do “Diário de Notícias”, onde produziu uma das mais notáveis campanhas jornalísticas de que se tem memória, pugnando pela implantação da República, então proclamada, seis dias depois de seu célebre artigo “Plano contra a Pátria” que, no dizer de Benjamin Constant, provocara a queda da Monarquia.

Foi aqui, a seguir, o ministro dileto de Deodoro.

A cidade o estimulou sempre com os seus aplausos e o mais vivo interesse, em todos os aspectos mais empolgantes de sua vida ímpar — assistiu a memorável campanha civilista, para, em 1921, dois anos antes de sua morte, testemunhar o seu gesto magnífico, no Clube Militar, harmonizando-se com o marechal Hermes, seu adversário na luta eleitoral pela presidência; assistia, eletrizada, a população carioca, a incansável e destemida defesa de todos aquêles que se julgaram injustiçados e recorriam ao seu amparo decisivo. Viu, segura do êxito, a sua partida para Haia, onde proclamou, com inexcedível coragem, a igualdade de todas as nações, e elevava a cada oração sua, o nome do Brasil, até então desconhecido nos meios culturais europeus, tornando assim a nossa pátria respeitada e integrada no Conselho das Nações civilizadas, no mesmo pé de igualdade das maiores do mundo. Soube, então, a cidade prestar-lhe a maior consagração popular que até então prestara a qualquer homem público, excedida, somente, pelas galas com que o recebeu de volta de Buenos Aires e de seu jubileu cívico. Ali pregou, com brilhantismo, o novo conceito de neutralidade ativa, afirmando:

“Desde que a violência pise aos pés arrogantemente o código escrito, cruzar os braços é servi-la. Os tribunais, a opinião pública, e a consciência não são neutras entre a lei e o crime”.

Doutrina, essa, que mais tarde vem orientar a política norte-americana, no sentido de intervir contra as potências totalitárias, levando-as à derrota. Depois, tributou-lhe o povo desta capital uma extraordinária consagração que durou uma semana a fio: a de seu jubileu cívico em 1918,

levando-o do Monroe ao antigo Teatro São Pedro, em seus braços, como um legítimo ídolo, em manifestação tal que o próprio Ruy classificou, ali mesmo, de “espetáculo divino” e exclamou:

“Tôda a minha vida vale nada, em comparação dêste único momento, onde se me depara a bem-aventurança de vos poder trazer, como síntese extrema de quase quatorze lustros de experiência dos homens e das coisas, êste inabafável testemunho de que só em Deus reside a nascente de tôda a glória e de tôda a fôrça, de todo o bem e de tôda a beleza, de tôda a verdade e de tôda a ciência de tôda a justiça e de tôda a grandeza”.

Era, em verdade, um fato inédito na Capital da República, irmanados, govêrno e povo glorificaram Ruy Barbosa e o conduziam ao pórtico da immortalidade. Aqui, portanto, assistiu Rui a sua própria glorificação. Caxias, o estadista do Império, também não nasceu no Rio, e, no entanto, os restos mortais do ínclito marechal repousam hoje no Panteon: Napoleão nasceu na Córsega e o seu corpo está em Paris; Sant Martin não nasceu em Buenos Aires e nem Bolívar em Caracas e nem Lincoln em Washington. Nada, portanto, mais justo do que têrmos, também, na Capital os restos mortais do “estadista da República”.

Parte Ruy; e, definitivamente! Vai a matéria, mas o seu espírito permanecerá, não sòmente no Rio, mas em todos os recantos do Brasil, e no coração de todos os brasileiros. Em sua terra natal — berço da nacionalidade — estará o seu corpo; mas Ruy estará sempre aqui, no eco daquelas palavras que cantaram em prosa, que dizimaram os adversários qual metralha, que acutilaram mais do que o aço dos floretes, que vibraram mais do que as clarinadas em batalha e que alicerçaram e construíram a República, a liberdade e a democracia.

Ruy Barbosa! — apresentando, em nome do Distrito Federal, as despedidas da Capital da República, cenário eleito de tua vida gloriosa, o faço com o pensamento na consecução final de teu desejo, recordando aqui as tuas próprias palavras na imortal ode à Bahia!

“Depois disto... diante disto... não sei como principie...”

“Aos primeiros sorrisos longínquos de minha terra, na curva azul da enseada, enquanto o vapor me aproximava rapidamente destas plagas, onde minha mãe me embalou primeiro e meus filhos me velarão, talvez, o último sono, vendo pendurar-se no céu e estremecer para mim o ninho onde cantou Castro Alves, verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros, parecia-me que a saudade, amado fantasma evocado pelo coração, me estendia os braços de tôda a parte, no longo amplexo do horizonte”.

Vai, Ruy Barbosa! não sòmente os teus filhos, mas também os teus irmãos e todo o Brasil velarão, na eternidade, no teu último sono a tua memória; e, ali, na tua amada Bahia, “na curva azul de sua enseada” e naquelas “doças plagas” o teu espírito há-de pairar sempre, sôbre o Brasil, conduzindo-o, como até hoje Austerlíte inflama aos franceses, pelo caminho do Direito e da Justiça. Com as bandeiras de Haia, de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, iremos sempre unidos, ombro a ombro, para a implantação definitiva da Democracia no Brasil, sob a égide da liberdade, conclamando os homens públicos para os exemplos “dêsse prodigioso espírito” que foi, pela “eminência de suas letras e grandeza de seu civismo, orgulho da Pátria, apóstolo da lei e ornamento da humanidade latina”.

O Rio de Janeiro, compungido, entrega-te à Bahia! A tua glória permanecerá aqui, e, a immortalidade, em todo o Brasil!

* * *

“Autêntica é a interpretação dos atos de um poder, dada pelo mesmo poder em qualquer tempo variem embora os indivíduos, que o exercitarem. A administração interpreta autênticamente os seus decretos; o poder legislativo, as suas leis”. Ruy, *Obras completas*, vol. XXV, tomo IV (*Trabalhos jurídicos*, 1898), págs. 132-3.

* * *

“A inamovibilidade e a vitalicidade são *ex vi termini* estipulações perpétuas. Nenhuma lei as pode revogar. Adotando-as, o legislador obrigou-se para sempre.

“Elas representam a forma suprema do direito adquirido”. Ruy, *Obras completas*, vol. XXV, tomo IV (*Trabalhos jurídicos*, 1898), pág. 123.

* * *

“A fé pública resulta, necessariamente, do ato da autoridade constituída, tôda a vez que esta depõe, no seu caráter oficial de autoridade, sôbre atos de outra, sujeita à sua vigilância nos fatos a respeito dos quais se pronuncia o seu testemunho”. Ruy, *Demissão de curador geral de órfãos*, Rio, 1916, pág. 9.